

O ESTUDO DOS *SHIFTERS* EM ROMAN JAKOBSON: DIÁLOGOS TEÓRICOS

THE STUDY OF *SHIFTERS* IN ROMAN JAKOBSON: THEORETICAL
DIALOGUES

Luiza Milano¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo investigar as bases da reflexão sobre a noção de *shifter* no texto "*Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*" (1957), do linguista russo Roman Jakobson, que considera essa uma das pedras angulares da linguística, pelo fato de ser um elemento que sempre remete ao ato de fala. No referido texto, Jakobson parte da definição de *shifter* elaborada por Otto Jespersen em 1923. Nesse sentido, no presente estudo, busca-se investigar o percurso trilhado por Jakobson e os diálogos teóricos por ele evocados, particularmente na seção em que aborda a questão dos pronomes pessoais.

Palavras-chave: *Shifters*; dêixis; embreantes; pronomes pessoais; ato de fala.

ABSTRACT: This article aims to investigate the basis of the reflection on the notion of *shifter* in the text "*Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*" (1957), by Russian linguist Roman Jakobson, who considers this to be one of the cornerstones of linguistics, since it is an element that always refers to the speech act. In the text, Jakobson starts from the definition of *shifter* developed by Otto Jespersen in 1923. In this sense, the present study seeks to investigate the path taken by Jakobson and the theoretical dialogues he evoked, particularly in the section in which he analyzes the issue of personal pronouns.

Keywords: *Shifters*; deixis; *embrayeurs*; personal pronouns; speech act.

Já tive a oportunidade – e o difícil desafio – de buscar definir o conceito de *shifter* por ocasião de minha participação na elaboração dos verbetes referentes à teoria de Roman Jakobson para o Dicionário de Linguística da Enunciação², publicado pela Editora Contexto em 2009. Retomo, então, como esse termo figura em dita obra, seguido de sua nota explicativa,

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora e orientadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade.

² Juntamente com a colega Tanara Zingano Kuhn, integrei a equipe que elencou, pesquisou e definiu, a partir do vasto arcabouço teórico produzido por Roman Jakobson, os verbetes ligados a noções do campo enunciativo para integrarem o Dicionário de Linguística da Enunciação (obra organizada por Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan, Maria José Bocorny Finatto e Marlene Teixeira).

conforme se pode ler na página 209:

Shifter

Outras denominações: *embrayeur*, embreador, embreante.

Definição: categoria linguística caracterizada por articular o que é falado ao evento de fala.

Nota explicativa: Foi o linguista dinamarquês Otto Jespersen quem batizou com o nome *shifters* esse fenômeno que Jakobson considera fundamental para a linguística, pelo fato de sempre remeter à mensagem em que ele aparece. O exemplo clássico apresentado por Jakobson é o pronome pessoal. A partir da classificação de Peirce dos signos em símbolos, índices e ícones, Jakobson propõe o *shifter* como uma reunião das características do símbolo, por associar-se ao objeto representado através de uma significação geral (por exemplo, o pronome “eu”), com as características do índice, por estar em relação de existência com o que representa (o indivíduo que diz “eu”), pois “aponta para”. O *shifter*, assumindo essa dupla caracterização, é, portanto, um símbolo-índice. Diz-se que os *shifters* possuem uma significação geral própria, no entanto, sua utilização na instância de enunciação é que determina sua significação contextual. Segundo Jakobson, as categorias verbais se distinguem entre aquelas que são marcadas pela sua relação com o evento de fala e aquelas que não são. Encontra-se uma aplicação desta classificação em Bechara (1999), ao propor uma explicação das categorias verbais. A categoria de tempo é considerada um *shifter* por caracterizar o evento narrado em referência ao evento de fala. O pretérito, por exemplo, informa que o evento narrado é anterior ao evento de fala. *Shifter* é o termo utilizado por Jakobson, contudo, ele ficou extensivamente conhecido pelo seu equivalente em francês *embrayeur* e, no Brasil, pela versão em português embreante.

Como se pode ler acima, a tradição francesa utiliza o termo *embrayeur*³ para referir o elemento do código que remete à própria mensagem. Em português brasileiro, os termos embreador ou embreante são também veiculados. Embrear, no campo da linguística, significa juntar o dizer e o dito (ou o enunciado e a enunciação). Assim, *shifter* é pensado como um articulador, como um elemento necessariamente referenciado à situação de enunciação. Os *shifters* são, portanto, elementos integrantes da mensagem que têm a característica de necessariamente implicarem o falante no ato de fala.

Pode-se também dizer que os *shifters* são classes gramaticais que implicam em seu significado geral uma referência àquela mensagem em que aparecem. Sua presença em um enunciado depende da referência àquele que fala. Jakobson (1971) aponta que esses elementos têm tardia emergência na linguagem infantil e precoce desaparecimento na chamada afasia agramatical. Vê-se nesse apontamento mais uma das qualidades do desenvolvimento do pensamento de Roman Jakobson: a habilidade de relacionar conceitos teóricos cruciais de sua reflexão aos mais diversos temas. E um bom exemplo é o caso dos *shifters*, como apontado acima.

³ Isso no campo da linguística. Já no campo da psicanálise, vê-se Lacan utilizar o termo tal como sugerido por Jakobson, em língua inglesa (cf. Lacan 1995, 1988).

Além da aquisição de língua materna e da afasia, percebe-se ecos da temática dos *shifters* também em seus estudos sobre poética. No artigo *El lenguaje de la esquizofrenia: discurso y poesía de Hölderlin*, Jakobson analisa o discurso e a poesia de Hölderlin, após a eclosão do quadro de psicose esquizofrênica. Nesse estudo, o autor chama a atenção para ausência de elementos dêiticos na produção artística do poeta, em contraste com sua fala cotidiana: “Ao contrário do comportamento verbal habitual do paciente, estes poemas não têm signos linguísticos dêiticos nem referência alguma à situação real da enunciação”⁴ (Jakobson, 1992, p. 188, tradução minha). Segundo Jakobson, o poeta exclui de sua poesia todo o relacionamento consigo mesmo, o pessoal. Sua produção, embora criativa, carece totalmente de *shifters*, suprimindo qualquer alusão ao ato de fala ou a seus participantes.

O texto clássico e mais conhecido de Roman Jakobson sobre o tema dos *shifters* infelizmente ainda não tem tradução para o português. Ele foi originalmente publicado em inglês em 1957 com o título “*Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*”, e tem versões nas línguas francesa (1963)⁵, italiana (1966)⁶, russa (1972)⁷, alemã (1974)⁸ e espanhola (1984)⁹. É por esse motivo que o leitor notará que tomei a decisão de, no presente artigo, converter para o português¹⁰ longas passagens tanto dos escritos de Jakobson (1896-1982) como também do de Jespersen (1860-1943), que serviu de base e inspiração (cf. se pode ler em Jespersen, 1969) para a reflexão do linguista russo.

Sobre os primórdios da reflexão acerca dos *shifters* nos estudos de Jakobson, é importante destacar dois momentos significativos. Na verdade, trata-se de duas conferências proferidas uma na Europa e outra na América do Norte no ano de 1950: a primeira, na Sociedade Linguística de Genebra – registrada sob o título de “*Les catégories verbales*” (cf. documentado em *Cahiers Ferdinand Saussure*, 1950) – e a segunda na Universidade de Michigan cujo título foi “*Overlapping of code and message in language*” (cf. documentado posteriormente em *American Anthropologist*, 1959).

O texto em seu formato final – “*Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*” (1957) – é composto por quatro partes, sendo a primeira e a segunda inspiradas fortemente nas conferências acima apontadas.

A primeira conferência (“*Les catégories verbales*”) integrou a 65ª sessão da Sociedade Linguística de Genebra, e foi ministrada em 29 de junho de 1950. Ela aparece assim resumida no *Cahiers Ferdinand Saussure* de número 9:

Resumo: A análise das diferenças entre um termo comum como “*chien*” e certos termos como “*moi*” - que as crianças aprendem a empregar muito tarde e que os afásicos perdem o uso muito cedo - revela nestas últimas palavras um traço particular, uma referência ao enunciado do qual fazem parte. Aplicada aos 3 elementos constitutivos de uma forma verbal: os participantes do

⁴ No original: “Al contrario del comportamiento verbal habitual del paciente, estos poemas no tienen signos lingüísticos deicticos ni referencia alguna a la situación real de la enunciación”.

⁵ “*Les embrayeurs, les catégories verbales, et le verbe russe*”.

⁶ “*Commutatori, categorie verbali e il verbo russo*”.

⁷ “*Šiftery, glagol'nye kategorii i russkij glagol*”.

⁸ “*Verschieber, Verbkategorien und das russische Verb*”.

⁹ “*Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso*”.

¹⁰ Agradeço a Aline Vargas Stawinski e Gibran Ayub pelas frutíferas discussões acerca da tradução de conceitos, termos técnicos e expressões veiculadas no presente trabalho.

processo, o processo, as relações entre participantes e processo, esta distinção permite estabelecer uma divisão em 6 classes, cada uma utilizando meios formais diferentes, que englobam toda a conjugação. Ilustração da teoria com exemplos retirados da conjugação russa.

Discussão: O Sr. Karcevski objeta que uma forma como “*buduôis sadko*”, que significa “*être*”, não concorda com as divisões estabelecidas. Resposta: A teoria apresentada toma como base a língua literária russa, e não uma forma retirada de um texto antigo e pouco confiável. O Sr. Godel evoca a distinção já estabelecida por Ch. Bally entre o “*dictum*” e o “*modus*”. O Sr. Jakobson prefere uma terminologia diferente: “*narrated event*” e “*speech event*”. Ele assinala a importância que se deve dar não somente à presença ou ausência de um determinado elemento numa língua, mas também ao lugar desse elemento¹¹. (Jakobson, R., 1950, p. 6, tradução minha)

O que disso aparece no texto de 1957? É essa a tarefa a que me dedicarei a seguir.

O texto *Shifters, categorias verbais e o verbo russo*¹² (1957) é dividido em quatro partes assim nomeadas: 1. *Shifters* e outras estruturas duplas; 2. Tentativa de classificação das categorias verbais; 3. Os conceitos gramaticais do verbo russo; 4. Os procedimentos gramaticais do verbo russo. Dada a extensão e a complexidade do texto, alerto que, para os objetivos do presente trabalho, darei ênfase à análise da parte 1, em especial à seção 1.5, na qual o caso dos pronomes pessoais é abordado.

Na primeira parte do texto (seção 1.1 no texto original), Jakobson apresenta quatro tipos duplos de estruturas presentes na comunicação:

- Dois tipos com funcionamento regido via circularidade:
 - Mensagem (M) remetendo à própria mensagem (M), como é o caso do discurso indireto (M/M) - (seção 1.2 no texto original);
 - Código (C) remetendo ao próprio código (C), como é o caso dos nomes próprios (C/C) - (seção 1.3 no texto original);
- Dois tipos com funcionamento regido via sobreposição (*overlapping*¹³, no original):

¹¹ No original: “Résumé : L'analyse des différences entre un terme ordinaire comme « chien » et certains termes comme « moi » – que les enfants apprennent très tard à employer et dont les aphasiques perdent très tôt l'usage – révèle dans ces derniers mots un trait particulier, un renvoi à l'énoncé dont ils font partie. Appliquée aux 3 éléments constitutifs d'une forme verbale : les participants au procès, le procès, les rapports entre participants et procès, cette distinction permet d'établir une division en 6 classes, chacune utilisant des moyens formels différents, qui englobe toute la conjugaison. Illustration de la théorie par des exemples tirés de la conjugaison russe.

Discussion : M. Karcevski objecte qu'une forme comme « *buduôis sadko* » qui signifie « *être* » ne concorde pas avec les divisions établies. Réponse : La théorie exposée prend pour base la langue littéraire russe, non une forme tirée d'un vieux texte et peu sûre. M. Godel évoque la distinction déjà établie par Ch. Bally entre le « *dictum* » et le « *modus* ». M. Jakobson préfère une terminologie différente : « *narrated event* » et « *speech event* ». Il signale l'importance à accorder non seulement à la présence ou l'absence d'un élément.”

¹² Tanto o título do artigo como os das quatro seções listadas logo a seguir são frutos de tradução livre a partir do original (Jakobson, 1957/1971).

¹³ Encontra-se, em língua portuguesa, também a tradução do termo *overlapping* no campo dos estudos da linguagem

- Mensagem (M) remetendo ao código (C), como é o caso da sinonímia e da tradução (M/C) - (seção 1.4 no texto original);
- Código (C) remetendo à mensagem (M), como é o caso dos pronomes pessoais (C/M), exemplo clássico de *shifter* - (seção 1.5 no texto original).

Para a presente reflexão, é este último caso (C/M) que receberá especial atenção.

Nas duas páginas e meia em que desenvolve a relação entre código e mensagem (C/M) e apresenta sua discussão acerca dos *shifters* – seção 1.5, no texto original em inglês (em Jakobson 1971, p. 131 a p. 133) –, Jakobson cita precursores e/ou contemporâneos seus que se dedicaram, de diferentes formas, ao tema: Otto Jespersen, Arthur Burks, Charles Peirce, Émile Benveniste, Edmund Husserl, Bertrand Russel e Karl Bühler.

É buscando entender a contribuição de cada um desses pensadores para a reflexão de Jakobson sobre a questão dos *shifters* que encaminharei o percurso do presente estudo. Seguirei a ordem em que esses autores aparecem no texto de Jakobson e visitarei suas contribuições, reservando a cada um maior ou menor espaço, conforme os motivos que demonstrarei ao longo da apresentação.

A contribuição de Otto Jespersen parece deveras importante, visto que Jakobson aponta ser ele o precursor dos estudos sobre o tema no campo da linguística: “Todo código linguístico contém uma classe especial de unidades gramaticais que Jespersen nomeou de *SHIFTERS*: a significação geral de um *shifter* não pode definir-se sem fazer referência ou remeter à mensagem” (Jakobson, 1971, p.131, tradução minha)¹⁴. Dada a importância dessa fonte explicitada por Jakobson, acredito que vale conferir em detalhe os termos da proposta inaugural de Jespersen, originalmente publicada em 1923:

VII. *Shifters*. Uma classe de palavras que apresenta grande dificuldade para as crianças são aquelas cujo significado difere de acordo com a situação, pois a criança as ouve ora aplicadas a uma coisa ora a outra. Esse foi o caso de palavras como “pai” e “mãe”. Outra palavra desse tipo é “inimigo”. Quando Frans (4a5m) jogava um jogo de guerra com Eggert, ele não conseguia entender que ele era inimigo de Eggert: não, era apenas Eggert que era o inimigo. Um caso ainda mais forte é 'casa'. Quando perguntaram a uma criança se sua avó estava em casa, ela respondeu: “Não, a avó estava na casa do avô”, fica claro que para ela “em casa” significava apenas “na minha casa”. Essas palavras podem ser chamadas de *shifters*. Quando Frans (3a6m) ouviu que “aquela” (luva) era tão boa quanto “a outra”, ele perguntou: “Qual é aquela e qual é a outra?” – uma pergunta difícil de responder.

A classe mais importante de *shifters* são os pronomes pessoais. A criança ouve a palavra 'eu' significando 'pai', depois novamente significando 'mãe', depois novamente 'tio Pedro' e assim por diante indefinidamente da maneira mais confusa. Muitas pessoas percebem a dificuldade assim apresentada à criança e, para evitá-la, falarão de si mesmas na terceira pessoa como 'pai' ou 'vovó' ou 'Maria', e, em vez de dizer 'você' à criança, falarão dela pelo seu nome. A

como recobrimento, implicação ou imbricação.

¹⁴ No original: “Any linguistic code contains a particular class of gramatical units which Jespersen labeled SHIFTERS: the general meaning of a shifter cannot be defined without a reference to the message.”

compreensão da criança sobre o que é dito é assim facilitada no momento: mas, por outro lado, a criança dessa forma ouve essas palavrinhas com menos frequência e demorará mais tempo para dominá-las.

Se algumas crianças logo aprendem a dizer 'eu' enquanto outras falam de si mesmas através de seu nome, a diferença não se deve inteiramente às diferentes capacidades mentais das crianças, mas deve ser amplamente atribuída ao hábito dos mais velhos de se dirigirem a elas pelo nome ou pelos pronomes. Mas os alemães não seriam alemães, e os filósofos não seriam filósofos, se não aproveitassem ao máximo o uso do 'eu' pela criança, no qual veem o primeiro sinal de autoconsciência. O velho Fichte, nos dizem, costumava comemorar não o aniversário do filho, mas o dia em que ele falou de si mesmo pela primeira vez como 'eu'. A verdade nua e crua é, suponho, que um menino que fala de si mesmo como 'Jack' pode ter uma percepção tão plena e forte de si mesmo em oposição ao resto do mundo quanto alguém que aprendeu o pequeno truque linguístico de dizer 'eu'. Mas isso não convém a alguns dos grandes psicólogos, como visto na seguinte citação: "A criança não usa pronomes; fala de si mesma na terceira pessoa, porque não tem ideia de seu 'eu' (ego) nem de seu 'não-eu', porque não sabe nada de si mesma nem dos outros."

Não é um caso incomum de confusão para uma criança usar 'você/tu' e 'seu/teu' em vez de 'eu', 'me/mim', e 'meu/minha'. A criança percebeu que 'você terá?' significa 'João terá?', então ela olha para 'você' como sinônimo do nome próprio dele [João]. Para algumas crianças, essa confusão pode durar alguns meses. Em alguns casos, está conectada a uma ordem de palavras invertida, 'do you' significando 'I do' - uma instância de 'echoísmo' (veja abaixo). Às vezes, ela introduzirá uma complicação adicional ao usar o pronome pessoal da terceira pessoa, como se tivesse começado a frase com 'João' - então 'você tem o casaco dele' significa 'eu tenho o meu casaco'. Ela pode até falar da pessoa abordada como 'Eu vou contar uma história?' = 'Você vai contar uma história?'. Frans era propenso a usar essas formas confusas entre as idades de dois e dois anos e meio, e eu tive que acelerar seu conhecimento do uso correto, recusando-me a entendê-lo quando ele usava o errado. Beth M. (2a6m) tinha muito ciúmes de sua irmã mais velha tocar em qualquer coisa de sua propriedade, e se esta se sentasse em sua cadeira, ela gritava: "Essa é *sua* cadeira; essa é a *sua* cadeira".

As formas *I* e *me* são uma fonte comum de dificuldade para crianças inglesas. Tanto Tony E. (2a7m a 3a0m) quanto Hilary M. (2a0m) usam *my* para *me*; é aparentemente uma espécie de mistura de *me* e *I*; por exemplo, "Give Hilary medicine, make *my* better" ["Dê remédio a Hilary, faça-me melhorar"], "Maggy is looking at *my*" ["Maggy está olhando para meu"], "Give it *my*" ["Dê o meu"]. Veja também O'Shea, p. 81: "*my* whant to do this or that; *my* feel bad; that is *my* pencil; take *my* to bed" ['meu quer fazer isso ou aquilo; meu se sente mal; esse é meu lápis; leve meu para a cama.'].

His [dele] e *her* [dela] são difíceis de distinguir: "An ill lady, *his* legs were bad" ["Uma senhora doente, seus pernas eram ruins"] (Tony E., 3a3m).

C.M.L. (por volta do fim do segundo ano) usava constantemente *wour* e *wours* para *our* e *ours*, a conexão sendo com *we*, como '*your*' com *you*. Exatamente da mesma forma, muitas crianças dinamarquesas dizem *vos* para *os* por conta de *vi*. Mas tudo isso realmente se enquadra em

nosso próximo capítulo. (Jespersen, 1969, p. 123-124, tradução minha)¹⁵

Pode-se perceber que Jakobson busca forte inspiração na proposta de Jespersen, tanto para pensar a tardia emergência dos *shifters* na fala infantil como para refletir sobre o estatuto da atualização dos diferentes elementos gramaticais a cada ato de fala (como fará com a análise do pronome pessoal, na seção 1, e do verbo, nas seções 2, 3 e 4 do artigo).

No parágrafo seguinte, ainda da seção 1.5 (código remetendo à mensagem C/M), Jakobson evoca dois autores norte-americanos, Arthur W. Burks e Charles S. Peirce. Cita Burks para dizer ter sido ele o responsável pela investigação acerca da natureza semiótica desses elementos (*shifters*). A tese do filósofo, lógico e matemático Arthur W. Burks (1915-2008), defendida em 1941, versava sobre as bases lógicas da filosofia de Peirce (“*The Logical Foundations*

¹⁵ No original: “VII. Shifters. A class of words which presents grave difficulty to children are those whose meaning differs according to the situation, so that the child hears them now applied to one thing and now to another. That was the case with words like ‘father,’ and ‘mother.’ Another such word is ‘enemy.’ When Frans (4.5) played a war-game with Eggert, he could not get it into his head that he was Eggert’s enemy: no, it was only Eggert who was the enemy. A stronger case still is ‘home.’ When a child was asked if his grandmother had been at home, and answered: “No, grandmother was at grandfather’s,” it is clear that for him ‘at home’ meant merely ‘at my home.’ Such words may be called shifters. When Frans (3.6) heard it said that ‘the one’ (glove) was as good as ‘the other,’ he asked, “Which is the one, and which is the other?” – a question not easy to answer.

The most important class of shifters are the personal pronouns. The child hears the word ‘I’ meaning ‘Father,’ then again meaning ‘Mother,’ then again ‘Uncle Peter,’ and so on unendingly in the most confusing manner. Many people realize the difficulty thus presented to the child, and to obviate it will speak of themselves in the third person as ‘Father’ or ‘Grannie’ or ‘Mary,’ and instead of saying ‘you’ to the child, speak of it by its name. The child’s understanding of what is said is thus facilitated for the moment: but on the other hand the child in this way hears these little words less frequently and is slower in mastering them.

If some children soon learn to say ‘I’ while others speak of themselves by their name, the difference is not entirely due to the different mental powers of the children, but must be largely attributed to their elders’ habit of addressing them by their name or by the pronouns. But Germans would not be Germans, and philosophers would not be philosophers, if they did not make the most of the child’s use of ‘I,’ in which they see the first sign of self-consciousness. The elder Fichte, we are told, used to celebrate not his son’s birthday, but the day on which he first spoke of himself as ‘I.’ The sober truth is, I take it, that a boy who speaks of himself as ‘Jack’ can have just as full and strong a perception of himself as opposed to the rest of the world as one who has learnt the little linguistic trick of saying ‘I.’ But this does not suit some of the great psychologists, as seen from the following quotation: “The child uses no pronouns; it speaks of itself in the third person, because it has no idea of its ‘I’ (Ego) nor of its ‘Not-I,’ because it knows nothing of itself nor of others.”

It is not an uncommon case of confusion for a child to use ‘you’ and ‘your’ instead of ‘I,’ ‘me,’ and ‘mine.’ The child has noticed that ‘will you have?’ means ‘will Jack have?’ so that he looks on ‘you’ as synonymous with his own name. In some children this confusion may last for some months. It is in some cases connected with an inverted word-order, ‘do you’ meaning ‘I do’ – an instance of ‘echoism’ (see below). Sometimes he will introduce a further complication by using the personal pronoun of the third person, as though he had started the sentence with ‘Jack’ – then ‘you have his coat’ means ‘I have my coat.’ He may even speak of the person addressed as ‘I.’ ‘Will I tell a story?’ = ‘Will you tell a story?’ Frans was liable to use these confused forms between the ages of two and two and a-half, and I had to quicken his acquaintance with the right usage by refusing to understand him when he used the wrong. Beth M. (2.6) was very jealous about her elder sister touching any of her property, and if the latter sat on her chair, she would shriek out: “That’s your chair; that’s your chair.”

The forms *I* and *me* are a common source of difficulty to English children. Both Tony E. (2.7 to 3.0) and Hilary M. (2.0) use *my* for *me*; it is apparently a kind of blending of *me* and *I*; e.g. “Give Hilary medicine, make *my* better,” “Maggy is looking at *my*,” “Give it *my*.” See also O’Shea, p. 81: ‘*my* want to do this or that; *my* feel bad; that is *my* pencil; take *my* to bed.’

His and *her* are difficult to distinguish: “An ill lady, *his* legs were bad” (Tony E., 3.3).

C. M. L. (about the end of her second year) constantly used *wour* and *wours* for *our* and *ours*, the connexion being with *we*, as ‘your’ with *you*. In exactly the same way many Danish children say *vos* for *os* on account of *vi*. But all this really falls under our next chapter.”

of the Philosophy of Charles Sanders Peirce”). É dele também o artigo “Icon, index, and symbol” (Burks, 1948), que inspira a reflexão de Jakobson, e no qual elenca os pronomes pessoais como exemplo notável de símbolo-índice.

Na continuidade da seção 1.5, Jakobson resgata, portanto, a clássica tripartição dos signos proposta pelo semiótico Charles Sanders Peirce (1839-1914) em ícones, índices e símbolos, para endossar a concepção de *shifter* como símbolo-índice. Cabe lembrar que na proposta de Peirce o ícone apresenta uma similaridade entre a significação e o elemento significado, o índice carrega uma contiguidade efetiva entre o que se quer significar e sua representação e o símbolo é fruto de pura convenção entre significante e significado (tal como o signo linguístico proposto por Saussure, está submetido ao radical arbitrário). No entanto, Jakobson (1988, p. 39) alerta que Peirce não encerra os signos em apenas uma destas três categorias. Estas divisões na verdade são três polos, todos podendo coexistir dentro de um mesmo signo. No caso específico dos *shifters*, tem-se no símbolo-índice simultaneamente um elemento radicalmente arbitrário da língua – o símbolo – e um elemento que “aponta para” – o índice – aquele que está mobilizando esse elemento; afinal, o símbolo (no caso, o signo linguístico) mantém-se estável para todos os falantes, enquanto o índice (que aponta para) varia de acordo com cada ato de fala. Eis a formulação tal como se lê em Jakobson:

Eu significa a pessoa que diz *eu*. Assim, por um lado, o signo *eu* não pode representar seu objeto sem lhe ser associado “por meio de uma regra convencional”, e, em diferentes códigos, o mesmo significado se atribui a sequências diferentes como *I*, *ego*, *ich*, *ja*, etc.: consequentemente, *eu* é um símbolo. Por outro lado, o signo *eu* não pode representar seu objeto sem “estar em relação existencial” com seu objeto; a palavra *eu* designando o locutor está existencialmente relacionada com sua elocução, e por isso funciona como índice (cf. Benveniste). (Jakobson, 1971, p. 132, tradução minha)¹⁶

Como se pode ler, após resgatar os estudos de Peirce e de Burks, Jakobson expõe sua proposta e refere também, ao final do parágrafo, o trabalho de Émile Benveniste (1902-1976). O texto em questão dessa vez é *A natureza dos pronomes*, presente em *Problemas de linguística geral I* (Benveniste, 1991), mas originalmente publicado em 1956. Na verdade, pode-se dizer que há aqui uma referência cruzada, pois o texto de Benveniste sobre os pronomes foi publicado na obra em homenagem ao sexagésimo aniversário de Roman Jakobson: “*For Roman Jakobson: Essays on the Occasion of His Sixtieth Birthday, 11 October 1956*”, livro organizado por Morris Halle¹⁷.

¹⁶ No original: “*I* means the person uttering *I*. Thus on one hand, the sign *I* cannot represent its object without being associated with the later “by a conventional rule”, and in different codes the same meaning is assigned to different sequences such *I*, *ego*, *ich*, *ja*, etc.: consequently *I* is a symbol. On the other hand, the sign *I* cannot represent its object without “being in existential relation” with this object: the word *I* designating the utterer is existentially related to this utterance, and hence functions as an index (cf. Benveniste).”

¹⁷ Não parece detalhe apontar que Morris Halle (1923-2018), assim como Jakobson, nasceu no leste europeu (no caso de Halle, na Letônia) e migrou para os Estados Unidos também em 1940. Além desta dupla coincidência geográfica/migratória, Halle firmou com Jakobson importante parceria acadêmica que redundou na obra “*Fundamentals of language*”, publicada em 1956. Essa obra veicula em língua inglesa dois temas muito caros a Jakobson: os princípios de fonética e fonologia da época de Praga revisitados e atualizados e o clássico texto das afasias.

Vê-se, portanto, que as categorias de dêixis em Benveniste e de *shifter* em Jakobson são trabalhadas na mesma contemporaneidade e dialogam muito proximamente. Mais recentemente, estudos têm lançado um olhar mais aguçado às semelhanças e diferenças entre as noções de dêixis e *shifters* nesses autores. No artigo “*Les embrayeurs : De la langue au langage*”, de Anne-Gaëlle Toutain (2014), a ênfase maior é na proposta benvenistiana, mas o detalhado trabalho “*La correspondance d’Émile Benveniste et Roman Jakobson (1947-1968)*”, de Chloé Laplantine e Pierre-Yves Testenoire (2021), esmiúça essas semelhanças e diferenças teóricas, incluindo apontamentos específicos sobre a temática dos *embrayeurs*. O artigo de Laplantine e Testenoire, apesar de sugerir uma leitura jakobsoniana segundo o modelo comunicacional (código, mensagem, emissor, receptor), apresenta importantes subsídios teórico-conceituais acerca das hipóteses de pesquisa de ambos os autores (Benveniste e Jakobson) a partir das cartas trocadas entre eles, entre os anos de 1947 e 1968. Destaco um breve trecho da carta de 4 de janeiro de 1951 remetida por Benveniste a Jakobson, quando estava de passagem por Nova York a convite da Fundação Rockefeller:

Não preciso lembrá-lo de como a Soc. de linguística ficaria feliz em publicar o artigo que você me falou sobre a estrutura do verbo, e também que seu livreto sobre som e sentido, se você pudesse terminar de escrevê-lo, chegaria na hora certa, no meio de debates sobre semântica que estão a fermentar aqui e na Europa. (Laplantine, C.; Testenoire, P.-Y.; Benveniste, E.; Jakobson, R., 2021, carta 11, tradução minha)¹⁸

Esse pequeno recorte documenta a proximidade intelectual entre ambos e o interesse recíproco nas pesquisas em andamento. De minha parte, da carta acima apontada, destaco o conhecimento que Benveniste tinha acerca do escrito de Jakobson “sobre a estrutura do verbo” (no caso, o texto dos *shifters* aqui estudado).

Mas voltemos, então, ao artigo de Jakobson. Seguindo na seção 1.5 do texto veremos que são encontradas ainda mais referências teóricas. Agora, as fontes apontadas por Jakobson são do campo da psicologia e da filosofia:

A peculiaridade do pronome pessoal e outros *shifters* era frequentemente concebida como consistindo na falta de um significado único, constante e geral. Husserl: “A palavra “eu” nomeia outra pessoa caso a caso, e o faz por meio de um significado sempre novo.” Para essa suposta multiplicidade de significados contextuais, *shifters* em contraste com símbolos foram tratados como meros índices (Bühler). Cada *shifter*, no entanto, possui seu próprio significado geral. Assim, *eu* significa o remetente (e *você/tu*, o destinatário) da mensagem à qual pertence. Para Bertrand Russell, *shifters*, ou em seus termos “particulares egocêntricos”, são definidos pelo fato de que nunca se aplicam a mais de uma coisa ao mesmo tempo. Isso, no entanto, é comum a todos os termos

¹⁸ No original: “Je n’ai pas besoin de vous rappeler combien la Soc. de linguistique serait heureuse de publier l’article dont vous m’avez parlé sur la structure du verbe, et aussi que votre petit livre sur le son et le sens, si vous pouviez en achever la rédaction, viendrait à point, au milieu des discussions sur la sémantique qui se préparent ici et en Europe.”

sincategoremáticos. Por exemplo, a conjunção *mas* cada vez expressa uma relação adversativa entre dois conceitos dados e não a ideia genérica de contrariedade. Na verdade, os *shifters* são distintos de todos os outros constituintes do código linguístico unicamente por sua referência obrigatória à mensagem dada. (Jakobson, 1971, p. 132, tradução minha)¹⁹

No parágrafo acima, percebe-se um concentrado de referências deveras significativas para Jakobson: Husserl, Bühler e Russel. Obviamente, no presente estudo não pretendo dar conta da complexidade do pensamento de cada um desses autores. O que farei, e de maneira bastante abreviada, é esboçar as linhas básicas de um ou outro conceito da reflexão deles, buscando interpretar, em linhas gerais, as possíveis influências dessas fontes na proposição de Jakobson.

Do filósofo Edmund Husserl (1859-1938) Jakobson busca a noção de fenomenologia transcendental, na qual a questão da intersubjetividade é fortemente pautada. A partir da proposta husserliana de visão assimétrica que os seres têm em relação ao mundo, Jakobson revisita e contextualiza a ideia de renovação do dizer, na perspectiva do ato comunicativo²⁰. E fará isso justamente pensando na assimetria posta entre emissor e receptor no momento em que a evocação de “eu” atualiza sempre um significado novo.

Já em relação à concepção psicologizante de dêixis de Karl Bühler (1879-1963), Jakobson faz uma sutil crítica às ideias apresentadas na conhecida obra de Bühler (*Sprachtheorie*, originalmente de 1934²¹), principalmente no que diz respeito à redução da ideia de dêixis à “mostração”. Afinal, os *shifters* são símbolos-índices, e não apenas índices.

Em relação ao filósofo Bertrand Russel (1872-1970), o autor russo destaca os “particulares egocêntricos”²², forma através da qual Russel nomeia as expressões da linguagem que se referem ao falante em seu contexto ou situação imediata. A esse respeito, Jakobson tece também apenas uma breve observação acerca da generalidade do conceito, dando a entender que, embora adequado em seu princípio lógico, este não parece suficiente para uma sustentação no âmbito específico da linguística.

A seguir, ainda na seção 1.5, lê-se:

Os símbolos-índices, e em particular os pronomes pessoais, que a tradição humboldtiana concebe como estrato mais elementar e primitivo da linguagem, são, ao contrário, uma categoria algo complexa

¹⁹ No original: “The peculiarity of the personal pronoun and other shifters was often believed to consist in the lack of a single, constant, general meaning. Husserl: “Das Wort ‘ich’ nennt von Fall zu Fall eine andere Person, und es tut dies mittels immer neuer Bedeutung.” For this alleged multiplicity of contextual meanings, shifters in contradistinction to symbols were treated as mere indices (Bühler). Every shifter, however, possesses its own general meaning. Thus *I* means the addresser (and *you*, the addressee) of the message to which it belongs. For Bertrand Russell, shifters, or in his terms “egocentric particulars”, are defined by the fact that they never apply to more than one thing at a time. This, however, is common to all the syncategorematic terms. E.g. the conjunction *but* each time expresses an adversative relation between two stated concepts and not the generic idea of contrariety. In fact, shifters are distinguished from all other constituents of the linguistic code solely by their compulsory reference to the given message.”

²⁰ Essa interpretação pode ser conferida em detalhe no estudo de Holestein 1974, p. 79.

²¹ Para o presente estudo consultei a versão francesa da obra (Bühler 2009).

²² Em trabalhos sobre a teoria russeliana, encontra-se em português a tradução de “*egocentric particulars*” tanto como “partículas egocêntricas” como “particulares egocêntricos” (o segundo, com maior ocorrência).

na qual código e mensagem se recobrem. Por isso, os pronomes são uma das últimas aquisições da linguagem infantil e o que primeiro se perde na afasia. Se observamos que inclusive os linguistas tropeçaram com bastantes dificuldades ao tratar de definir o significado geral do termo *eu* (ou *tu*), que significa a mesma função intermitente de sujeitos diferentes, está claríssimo que a criança que aprendeu a identificar-se com seu próprio nome não se acostumará facilmente a termos tão alienáveis como os pronomes pessoais: pode temer falar de si mesma em primeira pessoa quando seus interlocutores lhe chamam de *tu*. Às vezes [ela] trata de redistribuir essas formas de tratamento. Por exemplo, tratará de monopolizar o pronome de primeira pessoa: “Não te chames eu. Só eu sou eu, e tu só és tu”. Ou então empregará indiscriminadamente *eu* e *tu* tanto para o destinador como para o destinatário, de modo que o pronome significará qualquer um que participe do diálogo em questão. Ou a criança finalmente substituirá com tanto rigor *eu* por seu nome próprio que, estando disposta a chamar a qualquer pessoa do entorno por seu nome, resistirá a pronunciar o seu próprio: o nome tem para seu pequeno portador só o significado de vocativo, em oposição à função de nominativo do *eu*. Essa atitude pode manter-se como relíquia infantil. Assim Guy de Maupassant confessava que seu nome lhe soava muito estranho quando era ele mesmo que o pronunciava. A negativa a pronunciar o próprio nome pode converter-se em um costume social. Zelenin observa que na sociedade samoieda o nome era tabu para seu portador. (Jakobson, 1971, p. 132-133, tradução minha)²³

O recorte acima, extrato final da seção 1.5, mostra duas faces da reflexão de Jakobson sobre os *shifters*: por um lado, percebe-se movimento similar ao de Jespersen, em que ilustrações de fala infantil são abundantemente lançadas para iluminar a complexidade do tema e, através desse gesto, apontar sua interpretação do conceito em questão; por outro lado, é interessante perceber que Jakobson aponta antes de tudo a função dos *shifters* na linguagem humana, ou seja, mais do que detectar um índice da presença de tal ou qual elemento gramatical da língua (pronome ou verbo), o autor russo parece querer destacar o próprio valor que aquele elemento assume no funcionamento da linguagem.

²³ No original: “The indexical symbols, and in particular the personal pronouns, which the Humboldtian tradition conceives as the most elementary and primitive stratum of language, are, on the contrary, a complex category where code and message overlap. Therefore pronouns belong to the late acquisitions in child language and to the early losses in aphasia. If we observe that even linguistic scientists had difficulties in defining the general meaning of the term *I* (or *you*), which signifies the same intermittent function of different subjects, it is quite obvious that the child who has learned to identify himself with his proper name will not easily become accustomed to such alienable terms as the personal pronouns: he may be afraid of speaking of himself in the first person while being called *you* by his interlocutors. Sometimes he attempts to redistribute these appellations. For instance, he tries to monopolize the first person pronoun: “Don’t dare call yourself *I*. Only *I* am *I*, and you are only *you*.” Or he uses indiscriminately either *I* or *you* both for the addresser and the addressee so that this pronoun means any participant of the given dialogue. Or finally *I* is so rigorously substituted by the child for his proper name that he readily names any person of his surroundings but stubbornly refuses to utter his own name: the name has for its little bearer only a vocative meaning, opposed to the nominative function of *I*. This attitude may persevere as an infantile survival. Thus Guy de Maupassant confessed that his name sounded quite strange to him when pronounced by himself. The refusal to utter one’s own name may become a social custom. Zelenin notes that in the Samoyede society the name was taboo for its carrier.”

E mais, o resgate que ele faz de autores tanto do campo da lógica como da psicologia, da filosofia ou da semiótica no decorrer do texto indica simultaneamente sua preocupação interdisciplinar com a reunião de distintos argumentos para a condução de sua reflexão ao mesmo tempo em que esse gesto contrasta e evidencia seu extremo rigor com a proposição específica sobre o tema, na qualidade de linguista.

Assim, as pistas encontradas na fala das crianças, dos afásicos, dos poetas, dos loucos, ou ainda na particularidade de certas culturas, indicam ser pequenos grandes detalhes na investigação desse autor. O que parece sempre estar em jogo é mesmo sua pergunta acerca da função que cumprem, nos atos de fala, determinados elementos - no caso, os *shifters* -, mas poderiam ser os fonemas, os verbos, os acentos, como se pode acompanhar em numerosos outros estudos seus. Afinal, quando se estuda Jakobson, é sempre de funcionamento da linguagem que se trata.

Referências

- Benveniste, E. A natureza dos pronomes. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.
- Bühler, K. *Théorie du langage – la fonction représentationnelle*. Marseille: Ed. Agone, 2009.
- Burks, A. W. Icon, index, and symbol. *Philosophy and Phenomenological Research*, n. 9 (4): p. 673-689, 1948.
- Flores, V. N. et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- Holenstein, E. *Jakobson ou le structuralisme phénoménologique*. Paris: Ed. Seghers, 1974.
- Jakobson, R. Overlapping of code and message in language. *American Anthropologist* LXI(5), 139-145, 1959.
- Jakobson, R. *Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*. Cambridge (Mass.): Harvard University (Russian Language Project, Department of Slavic Languages and Literatures), 1957.
- Jakobson, R. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. In: *Selected Writings, v. II Word and Language*. The Hague, Paris: Ed. Mouton, 1971.
- Jakobson, R. *Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe*. Paris: Éditions Minuit, 2007.
- Jakobson, R. *Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso*. Barcelona: Editorial Ariel, 1984.
- Jakobson, R. *El marco del lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- Jakobson, R. El lenguaje de la esquizofrenia: discurso y poesía de Hölderlin. In: *Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- Jespersen, Otto. *Language, its nature, development & origin*. London: George Allen & Unwin Ed., 1969.
- Lacan, J. *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Ed., 1988.
- Lacan, J. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Laplantine, C.; Testenoire, P.-Y.; Benveniste, E.; Jakobson, R. La correspondance d'Émile Benveniste et Roman Jakobson (1947-1968), *Histoire Épistémologie Langage*, 2021, p. 139-168.

Toutain, A.-G. Les embrayeurs : De la langue au langage, *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, n. 109, v. 1, p. 155-199, 2014.

Recebido em: 18/11/2024

Aceito em: 12/01/2025